

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Artes – Departamento de Artes Visuais

**JANELA : PAISAGEM**

SABRINA ZUTHER RIFFEL

Orientador:  
Prof. Dr. Eduardo Vieira da Cunha

Banca de Avaliação:  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Eny Maria Moraes Schuch  
Prof. Adriana Daccache

Porto Alegre, julho de 2010.

## SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Janela	5
3. Paisagem	8
4. Janela : Paisagem	10
5. Bloqueio	20
6. Memória	23
7. Processo	25
8. Apresentação	27
9. Outras janelas	35
10. Artistas-referência	44
11. Conclusão	56
12. Referências	57

## 1. INTRODUÇÃO

O que é uma janela?

O que é uma paisagem?

A presente pesquisa busca desenvolver considerações a respeito da produção de fotografias de janelas que possuem a vista da paisagem bloqueada por elementos físicos, visando discutir o que é uma janela e o que é uma paisagem.

Foram realizadas diversas fotografias de janelas, dos mais variados ambientes, de todos os lugares que encontrei, porém a grande maioria das fotografias foi da janela do quarto do meu apartamento, localizado no segundo andar do prédio, nas quais concentraremos a análise a seguir.

As fotografias da janela do meu quarto foram capturadas ao longo do ano e, em determinados dias de hora em hora, permitindo assim também uma análise no que se refere à incidência e variação da luz, no momento da captura e, conseqüentemente, das sombras projetadas na parede.

Este projeto iniciou-se, de fato, em 2009, durante a cadeira de Fotografia V, questionando o significado de janela e de paisagem, mas posso dizer que é um assunto que me instiga e me acompanha há muito tempo, cerca de 10 anos, tempo que moro no apartamento em questão.

Todas as manhãs, quando acordo, a paisagem que me é apresentada é uma parede, ou ainda, um muro de divisa com o prédio vizinho. Uma parede branca, um pouco descascada, já com manchas de bolor e do tempo. Um vazio. Uma folha em branco.

Essa parede por si só está cumprindo a sua função, de dividir terrenos lindeiros, mas para mim está funcionando com uma espécie de bloqueio, no sentido mais amplo da palavra.

Fisicamente, está bloqueando a paisagem da minha janela, impedindo que eu, sequer, consiga saber como está o tempo lá fora. Se considerarmos do ponto de vista mental, social, emocional, criativo, está me privando de interagir com o mundo externo, impossibilitando um contato com a natureza, constante fonte de inspiração e criação, e gerando uma falta de entusiasmo para enfrentar a vida e as pedras do caminho.

## 2. JANELA

“Janelas. Como evitar ver nelas a metáfora do olho?”<sup>1</sup>

A janela é uma ligação entre o interior e o exterior. Ela fica a meio caminho entre a natureza livre e o confinamento. As janelas são para a casa o que os olhos são para o ser humano. As janelas são nossos olhos para o mundo lá fora, sem elas, ficamos cegos e presos, dentro de nós mesmos, fechando nossas mentes para as infinitas possibilidades que o mundo nos oferece.

Do latim: *januella*, a janela. Diminutivo de *janua*, a porta.

Na mitologia romana, *Janus* é o deus do início das coisas.

É ele quem abre o ano com o mês de janeiro, *januarius*, e é ele o protetor das portas.

A janela não é nada mais que uma pequena porta, um espaço que se destina a passar a luz do sol, o ar e o olhar.

---

<sup>1</sup>CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins: 2007.

Logo, a minha janela, objeto dessa discussão, não poderia ser considerada uma janela completa, uma vez que não atende a todas as funções pré-estabelecidas a ela.

A luz é calor, é vida. A luz é a responsável por existir vida na terra.

A luz é um elemento importante de qualquer janela, assim como certas dimensões adequadas, pois é responsável pela iluminação natural do ambiente.

No que se refere à incidência de luz na janela da pesquisa, podemos dizer que não há uma incidência direta, uma vez que a distância entre a janela e a parede é de 2,00 m e a altura tanto da parede quanto do prédio é de aproximadamente 10,00 m, ou seja, há uma incidência apenas de uma luz difusa, uma claridade, permitindo apenas diferenciar o dia da noite. Podemos considerar uma incidência de luz direta projetada apenas na parte superior da parede, mas não no interior do apartamento.

O ar, assim como a luz, é responsável pela vida.

O ar é outro elemento importante, que passa através da janela, e é responsável pela ventilação natural do ambiente.

É o oxigênio que respiramos e que oxigena nosso cérebro, nossa mente, nossas idéias.

No que se refere ao ar que passa pela janela da pesquisa, podemos observar que não há uma ventilação cruzada, considerada ideal, permitindo assim uma melhor troca de ar entre os ambientes. O que encontramos, ao invés, é uma cortina de ar que fica pairando entre o prédio e a parede.

O olhar, sob meu ponto de vista, é tudo, é a interação com a vida, e a inspiração para a vida.

No que se refere ao olhar pela minha janela, podemos olhar, mas acho que a questão aqui é o que olhar?

### 3. PAISAGEM

“Apropriar-se do espaço e ali enquadrar a paisagem significa talvez controlá-la, guardá-la para si, construir-se um lugar pessoal, móbil, interior.”<sup>2</sup>

Para que uma paisagem exista, de acordo com Anne Cauquelin, são necessários dois fatores básicos: o enquadramento e a presença dos quatro elementos da natureza: água, terra, fogo e ar.

Analisando a fotografia, objeto dessa discussão, podemos considerar que a moldura e os caixilhos da esquadria cumprem perfeitamente a função de enquadramento da paisagem, assumindo um papel de moldura na fotografia.

Porém, quanto à presença dos quatro elementos da natureza, sob meu ponto de vista, há apenas um presente, o ar, ou ainda aquela cortina de ar que fica pairando entre o prédio e a parede. Os demais elementos da natureza não se fazem presentes.

---

<sup>2</sup>CATTANI, Icléia. **Traços, paisagens e diferenças**. Texto para catálogo, exposição Traits, Galerie Debret, Paris, 2000.



Não há imagem de um vasto gramado, flores, árvores, ninhos, pássaros cantando ou mesmo de um céu estrelado.

Sequer, há carros em movimento, pessoas caminhando, crianças brincando, animais de estimação passeando, vizinhos indiscretos, janelas vizinhas ou qualquer sinal de vida.

Também não há cores, não há perspectiva, não há profundidade, não há planos.

Há apenas uma parede, um muro, um plano chapado, um bloqueio, ou seja, o oposto da tradição paisagística.

#### 4. JANELA : PAISAGEM

Frente a essas características, pode-se considerar o meu trabalho uma quase janela e uma quase paisagem.

Ou não.

A ausência, de todos esses elementos, é tão marcante que acaba se fazendo presente justamente pela falta que faz. E essa ausência pode inclusive despertar nossa capacidade de abstrair, de enxergar além, de olhar o que antes não conseguíamos olhar. É uma questão, não apenas do que olhar, mas, de como olhar.

Se olharmos a fotografia da janela do meu quarto mais detalhadamente, concentrando nossa atenção, podemos até ver uma linha horizontal, dividindo a imagem. Uma linha que está ali, que sempre esteve, e que antes não aparecia, uma linha do horizonte, assim como aquelas que dividem o céu e a terra, ou, o céu e o mar, e que se fazem presentes em quase todo tipo de paisagem.

Se olharmos ainda com mais cuidado podemos ver também um pouco de profundidade, seja em função do pequeno desnível resultante da construção inicial e do posterior aumento da parede, seja em função das manchas resultantes das intempéries do tempo, como umidade, chuva, fungos, ou, mesmo, resultante de uma falta de capricho, de cuidado, de uma boa reforma, de uma pintura nova.



Sem título # 1 – Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 2, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

Outro elemento que podemos ver da janela do meu quarto, mesmo que momentaneamente e eventualmente, são as sombras. Sombras de pessoas, animais, móveis, objetos, etc.

Essas sombras só são percebidas à noite, quando há iluminação artificial dentro dos ambientes, responsável por projetar na parede, do lado de fora, a silhueta de todos os elementos posicionados entre a fonte de luz e a parede.

Cada uma dessas sombras depende de diversos fatores. Depende da posição e intensidade da fonte de luz, e da forma, dimensão e densidade do objeto a ser projetado, assim como também depende da relação de distância em que se encontra o objeto tanto da fonte de luz quanto da parede onde sua sombra será projetada, gerando em cada caso sombras de tamanho, forma e nitidez variados.

Podemos perceber também um pouco de distorção na forma dessas sombras, principalmente, em função do ângulo de inclinação resultante do alinhamento dos três elementos.

Um exemplo é quando há uma pessoa, em pé, em frente à janela e a sombra é projetada na parede utilizando como fonte de luz a luminária de teto. Isso ocasiona uma sombra a partir de um ângulo inclinado, justamente porque a fonte de luz e o objeto a ser projetado não estão alinhados horizontalmente.



Sem título # 3, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

Outro exemplo de percepção, não de sombras, mas de incidência de luz direta, são os faróis dos automóveis. Sempre que entra um automóvel no prédio, pela garagem, que fica no pavimento imediatamente inferior ao meu, para estacionar na sua vaga, eu posso ver a trajetória dele, em função da projeção da luz dos faróis na parede em questão.

A via de acesso as vagas é paralela a minha janela e, conseqüentemente, a parede em questão, enquanto as vagas são perpendiculares a ela, logo, sempre posso observar a trajetória curva realizada pelos automóveis para entrarem nas vagas, pois posso identificar as luzes dos faróis que começam fracas e vão ficando mais fortes, conforme o automóvel completa a curva e se aproxima da parede.

Nesses casos, em particular, ocorre sempre um alinhamento horizontal entre os objetos, projetando assim uma incidência de luz direta na parede.



Sem título # 4, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.



Quanto ao papel do observador, nesses casos, ele varia.

No caso da projeção da luz dos faróis na parede, e o observador posicionado em frente à janela do meu quarto, não é possível observar diretamente a incidência da luz. É possível perceber certa claridade, que fica mais intensa conforme a noite cai. Porém, para observar claramente, só inclinando o corpo para frente e olhando para baixo, ou mesmo, estando posicionado na garagem.

No caso da projeção da sombra de uma pessoa posicionada, em pé, em frente à janela e a fonte de luz sendo a luminária de teto, ela fica inclinada. É possível perceber a projeção da sombra apenas inclinando o corpo para frente e olhando para baixo, no caso da mesma janela, ou olhando para cima, no caso da janela ser do apartamento vizinho do andar de cima.

Com isso, podemos dizer que a parede em questão funciona como uma espécie de espelho, que reflete luz e sombra, ou seja, movimento e vida na paisagem da minha janela.

Outro exemplo de espelho, diferente da parede, é a própria janela, ou melhor, o vidro da janela, uma vez que reflete tudo de dentro do quarto sempre que uma luz se faz presente internamente e ausente externamente.

Podemos ainda, em última instância, falar da sobreposição de imagens que acontece sempre que se observa esse tipo de reflexo. Ao olharmos o quarto refletido na janela, não nos privamos de olhar o que está atrás do vidro, justamente pelo fato de, neste caso, o vidro ser transparente, e também em função da própria iluminação interna que acaba por, devido à proximidade entre a janela e a parede, iluminar suficientemente a parte externa a ponto de torná-la visível.

Essa sobreposição confunde o cérebro, uma vez que temos que nos concentrar mais uma vez em que olhar e como olhar.

Dentro do quarto há inúmeros objetos, dos mais variados tamanhos, formas e cores, que disputam a atenção do observador, enquanto lá fora, há apenas a parede, um plano quase monocromático, algo pouco atraente ao olhar.

No entanto, a parede é um objeto denso, sólido, constante, enquanto o reflexo é algo leve, não palpável e efêmero. O reflexo ainda depende de uma fonte de luz para existir e dependendo da cor do objeto a ser refletido, este pode vir a se misturar com o plano de fundo (parede) e desaparecer totalmente.

Portanto, na minha opinião, a parede se faz presente de uma maneira mais real que o reflexo, mera cópia do real.



Sem título # 5, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

## 5. BLOQUEIO

O que é um bloqueio?

Um elemento físico como uma parede, com certeza, é considerado um bloqueio.

Mas um bloqueio é sempre algo negativo?

Como já mencionei anteriormente, sempre considerei a parede da janela do meu quarto um bloqueio físico e visual, que impedia minha interação com o mundo exterior e que me impedia de diferenciar se era dia ou noite, dia de sol ou dia nublado, mas acima disso o considerava um bloqueio a mim, como ser vivo, como pessoa, que está sempre em constante desenvolvimento, aprendizado e amadurecimento.

Tinha a sensação de viver enclausurada, presa, fechada entre quatro paredes, sem motivação, literalmente sem oxigenação, que me permitisse respirar, se inspirar com relação à vida, e criar para o mundo.

Foi só quando comecei a desenvolver esta pesquisa que comecei a ver um outro lado desse bloqueio. Um lado positivo.

Pude perceber que uma parede em branco, assim como uma folha em branco, pode não, necessariamente, significar um bloqueio. Pode, muito pelo contrário, significar uma infinidade de possibilidades.

Às vezes, ter infinitas possibilidades é muito mais rico, do que ter apenas uma possibilidade, basta apenas saber fazer uso disso.

Por exemplo, eu poderia acordar todas as manhãs, e imaginar, cada dia, um cenário diferente, uma paisagem diferente.

Um belo dia eu poderia acordar imaginando e visualizando a vista de uma praia paradisíaca, no outro, um campo florido, e em outro ainda, muitos arranha-céus.

Eu poderia, ainda, me propor a pintar essa parede, com minha paisagem favorita.

Eu poderia colar, no vidro da janela, muitos adesivos que desviassem minha atenção da parede.

Eu poderia colocar uma cortina bonita, para fechar quando cansasse de imaginar cenários.

Enfim, um leque de oportunidades, que só me ajudariam a estimular minha capacidade imaginativa e criativa.



Sem título # 6 e # 7, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

## 6. MEMÓRIA

A fotografia e a memória andam sempre juntas. E a fotografia é o resultado da relação que construímos com o objeto que foi fotografado. A fotografia confere veracidade às nossas lembranças e é através dela que podemos vivenciar o passado, que mesmo agora sendo um tempo findo, continua a existir através do registro fotográfico.

Segundo Halbwachs, “lembrar não é reviver, mas reconstruir”<sup>3</sup>. Não podemos nos lembrar de determinado registro tal qual ocorreu anteriormente, pois já não somos os mesmos, de modo que nossas lembranças são reconstruções a partir do que somos.

Ainda é necessário dizer que a fotografia é o resultado de uma relação quase sempre afetiva. A imagem não traz, em si própria, seu significado, somos nós que o atribuímos a ela.

Durante o desenvolvimento deste projeto, minha relação com o objeto foi mudando, eu fui mudando, logo, as fotografias foram tendo outros significados. O que antes tinha um significado negativo se tornou algo positivo, rico em possibilidades.

---

<sup>3</sup>MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira. **Fotografia e Memória: Ensaios**. Pelotas, RS: Editora e gráfica Universitária da UFPEL, 2008.

A relação existente se tornou uma relação afetiva, tão afetiva que estou me mudando de apartamento, para um apartamento de janelas com paisagens, paisagens dentro do padrão da tradição paisagística, mas agora quem saiu do padrão fui eu. Decidi que vou emoldurar essas fotografias e pendurar nas paredes do meu apartamento novo para nunca me esquecer do que aprendi:

Que não é uma questão apenas de olhar ou do que olhar, mas, de como olhar!



## 7. PROCESSO

O meu processo foi mudando ao longo do desenvolvimento do trabalho.

As primeiras fotografias, feitas ainda em 2009, para a cadeira de Fotografia V, foram testes, estudos, descobertas, tiradas sem compromisso, a título de experimentação.

As fotografias foram feitas ora com, ora sem flash, sem o uso de um tripé, conseqüentemente, sem um padrão de distanciamento e enquadramento. Estavam presentes nas fotografias outros elementos, tais como adesivos e fotos nos vidros, cortinas, persianas ora abertas, ora semi-abertas, ora fechadas, que sob o meu ponto de vista atual, poluem a imagem e distraem do objeto foco.

As fotografias, já com a intenção de desenvolver esta pesquisa, foram realizadas com muito mais zelo e cuidado.

Utilizou-se um tripé com 130 cm de altura e uma base no chão com aproximadamente 30 cm de altura, resultando numa altura total de 155 cm, até o ponto médio da altura do objeto em questão, a janela.

Com relação ao modo da câmera, ou seja, definição de ISO, balanço de branco, flash, etc, posso dizer que se utilizou conforme a necessidade de luz do ambiente.

As fotografias foram feitas em diferentes dias e, em determinados dias, foram capturadas fotos de 40 em 40 minutos, ou de hora em hora, em mais de um modo da câmera, possibilitando assim analisar quanto à incidência da luz natural nas fotografias da janela.

Quanto à incidência da luz do sol, podemos constatar que não há grande variação de intensidade na janela, justamente, como já mencionado, em função da luz não ser uma luz direta. A única exceção foi no horário do meio dia, quando foi possível perceber, pela janela, a incidência de uma faixa vertical de luz direta na parede, em função da janela estar situada numa das extremidades/quina do prédio.

Comparando as fotografias de janelas, objetos dessa pesquisa, podemos identificar algumas características em comum, destacando semelhanças quanto ao tema, composição, ponto de vista, distanciamento e enquadramento.

Em todas as fotografias, o objeto foco da pesquisa, as janelas encontram-se centralizadas e ampliadas no enquadramento, de maneira que o entorno, ou qualquer outro objeto, não ganhe destaque.

## 8. APRESENTAÇÃO

Para exibição do meu trabalho, pensei em tentar aproximar o máximo possível o tamanho da fotografia da janela ao tamanho real da janela propriamente dita, permitindo assim que o observador tenha a mesma sensação que eu tenho todo dia ao contemplar a minha janela e a minha paisagem.

Optei por ampliar quase no tamanho real, uma fotografia capturada de dia e outra capturada à noite, pois elas são bem diferentes em termo de iluminação.

E para enriquecer ainda mais a exposição escolhi mostrar mais dez fotografias da janela, em tamanho reduzido, compreendendo o intervalo de horas entre as duas fotografias maiores.

Acredito assim que possamos ter um melhor entendimento da proposta.

INSERIR PDF: PLANTA EXPOSIÇÃO

INSERIR PDF: VISTAS EXPOSIÇÃO

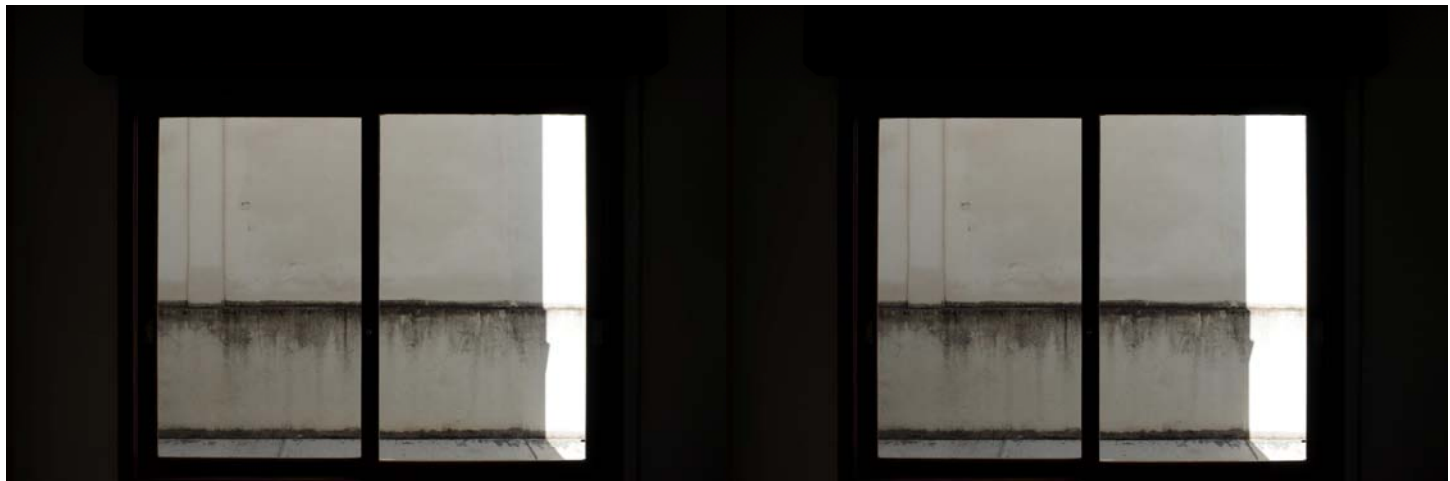


Sem título # 8, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 9, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

Sem título # 10, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 11, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

Sem título # 12, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 13, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

Sem título # 14, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 15, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

Sem título # 16, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.





Sem título # 17, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

Sem título # 18, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 19, Janela do quarto, 2010. Fotografia Digital.

## 9. OUTRAS JANELAS

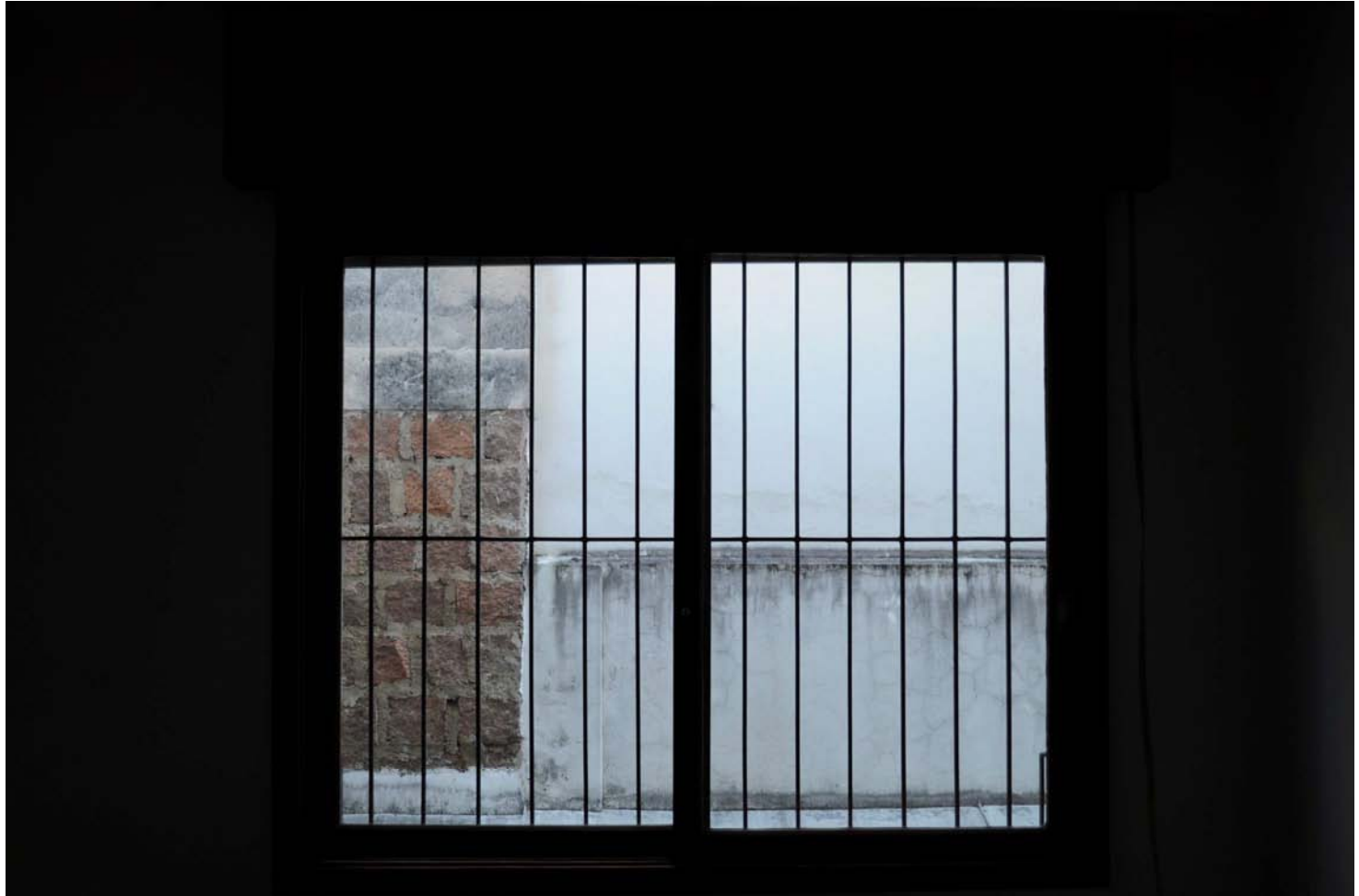
Como mencionado na introdução dessa pesquisa, foram realizadas fotografias de outras janelas, de outros ambientes, e que, também, possuem a vista da paisagem bloqueada por elementos físicos.

As primeiras fotografias foram da janela da sala do meu apartamento, capturadas em paralelo as da janela do meu quarto.

A janela da minha sala possui características muito semelhantes as da janela do meu quarto. Ambas estão a uma distância de 2,00 m de uma parede de 10,00 m de altura e não tem incidência de luz direta.

Esta janela, no entanto, apresenta condições ainda piores em termos de iluminação, uma vez que se situa na outra extremidade/quina do prédio, e possui na lateral um muro de divisa, ou seja, outra parede, bloqueando quase que totalmente a incidência de qualquer raio de luz, mesmo no horário do meio dia.

No entanto, a janela da sala possui uma paisagem mais rica, no sentido de cores, texturas e planos. Aqui podemos observar quatro tipos de fechamentos/muros. Os dois que encontramos na paisagem da janela do quarto e outros dois diferentes, um feito em pedra grês e outro, logo acima, rebocado, fazendo possivelmente o papel da fundação e da construção de uma casa vizinha.



Sem título # 20, Janela da sala, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 21, Janela da sala, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 22, Janela da sala, 2010. Fotografia Digital.

As outras duas janelas que escolhi para fotografar também fazem parte do meu cotidiano e ambas situam-se no Instituto de Artes da UFRGS, uma no Laboratório de Fotografia e a outra na Sala 43, uma das salas de desenho.

Ambas as janelas também possuem uma parede como paisagem, e a janela dista não mais que poucos metros desta.

Essas janelas, porém, se diferenciam das janelas do meu apartamento pelo fato de que na composição da paisagem dessas janelas, além da parede, há também a presença de outras janelas. Seria mais ou menos como uma janela sendo a paisagem de outra janela, ou ainda, um interior de uma janela sendo o exterior de outra.

Outra diferença seria a janela em si, no que se refere ao seu tamanho, tipo, funcionamento e número/quantidade de (sub) divisões. E justamente pelo fato da janela ser subdividida em tamanhos menores, ou seja, várias janelinhas, ela se torna um obstáculo para se olhar a paisagem que está além.

A sensação que se tem neste caso é diferente de quando a janela é um grande vão, sem muitas divisões, como nas janelas do meu apartamento. A paisagem se torna menos óbvia e menos notável, em função da janela, em si, ganhar na disputa pela atenção do observador.



Sem título # 23, Janela do Laboratório de Fotografia, 2010. Fotografia Digital.





Sem título # 24, Janela do Laboratório de Fotografia, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 25, Janela do Laboratório de Fotografia, 2010. Fotografia Digital.



Sem título # 26, Janela da Sala 43, 2010. Fotografia Digital.

## 10. ARTISTAS-REFERÊNCIA

### HIROSHI SUGIMOTO

Sugimoto é uma referência para o meu trabalho por duas de suas séries chamadas: *Seascapes* e *Color of Shadow*.

Em *Seascapes*, ele fotografa imagens de mares. Água e ar, dois elementos tão comuns, que pouco atraem a atenção, mas que são privilégios de nossa existência.

Sugimoto tem centenas de imagens similares, fotografias capturadas a partir da costa da Europa, Caribe, etc, e todas elas possuem a linha do horizonte, dividindo o céu e o mar.

A simplicidade de suas fotografias e a presença de determinados elementos naturais em algumas de suas fotografias, como a névoa/cortina de fumaça e a chuva, se relacionam com as minhas fotografias de janelas.

Ambas possuem como característica a simplicidade e possuem uma linha horizontal no centro da imagem. Uma linha do horizonte, nas fotografias de Sugimoto, e, nas minhas fotografias, uma linha horizontal que interpreta o papel de linha do horizonte, dependendo de quem olha e como olha.

A presença de determinados elementos naturais, como a névoa/cortina de fumaça e a chuva, nas fotografias de Sugimoto, acaba funcionando como uma espécie de bloqueio da paisagem, mesmo que parcial, de baixa densidade, criando uma paisagem semi-visível, e que se relaciona com o bloqueio total que observamos nas minhas fotografias.



Caribbean Sea, Jamaica, 1980.



Ligurian Sea, Savio, 1982.

Quanto à série *Color of Shadow*, também é possível fazer uma analogia entre os trabalhos.

Em ambas a paisagem é branca e pode-se observar a variação da incidência de luz, seja de acordo com o ângulo da exposição, seja em função da iluminação natural ao longo do dia, gerando diferentes efeitos e sombras projetadas nas superfícies.



C1015



C 1012

## ANNA MALAGRIDA

Malagrída é uma artista espanhola que tem presente em seu trabalho o tema de fotografia de janelas. Numa de suas séries de janelas, chamada *Interiores*, ela fotografou janelas a partir do seu exterior, de um edifício em Paris, destacando a homogeneidade da fachada do prédio, através de uma malha ordenada, regular e basicamente plana, se não fosse pelas janelas abertas, onde podemos observar os interiores.



(Fachada I), 99 x 138 cm, 2002.



(Fachada II), 99 x 138 cm, 2002.

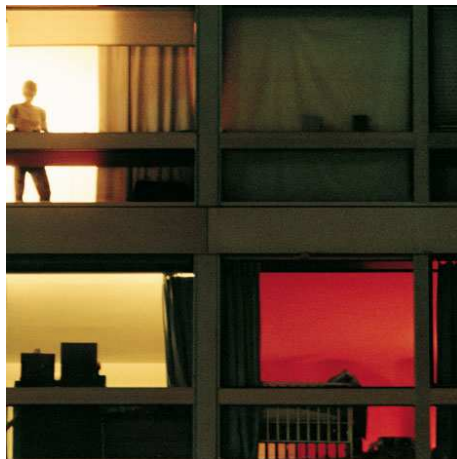




(Fachada VI), 99 x 138 cm, 2002.



(Fachada VII), 99 x 138 cm, 2002.



(Fachada VIII), 99 x 99 cm, 2002.



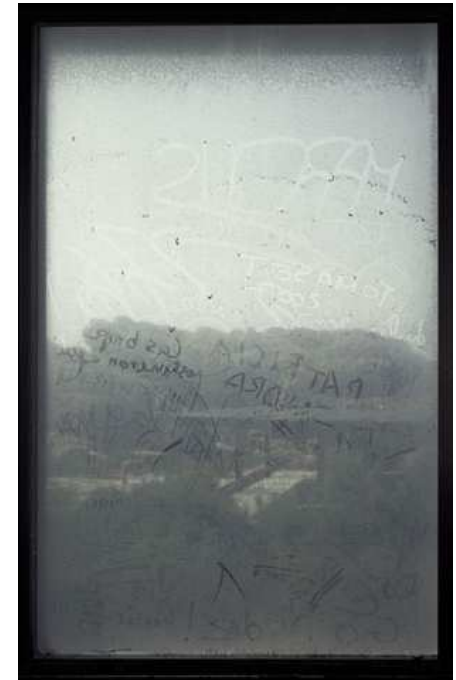
(Fachada XI), 99 x 99 cm, 2002.



Em outra de suas séries, *Point de Vue*, ela fotografou diversas janelas a partir do seu interior, de um clube antigo, abandonado e condenado a demolição.

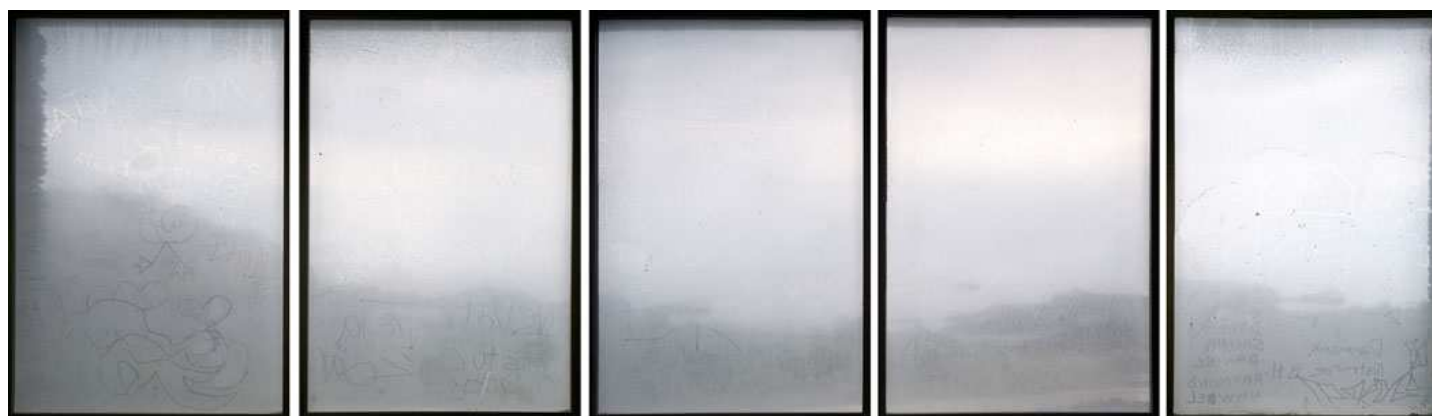
É uma série de fotografias de janelas coberta de pó e alguns grafismos abstratos, que remetem a memória e a infância da artista.

Assim como no meu trabalho, tais fotografias possuem determinados elementos que funcionam como uma espécie de bloqueio da paisagem, mesmo que parcial, de baixa densidade, criando uma imagem turva e difusa, como se estivesse coberta por uma espécie de véu.





Sem título, 170 x 330 cm, 2006.



Sem título, 85 x 300 cm, 2006.

VALERIE JOUVE

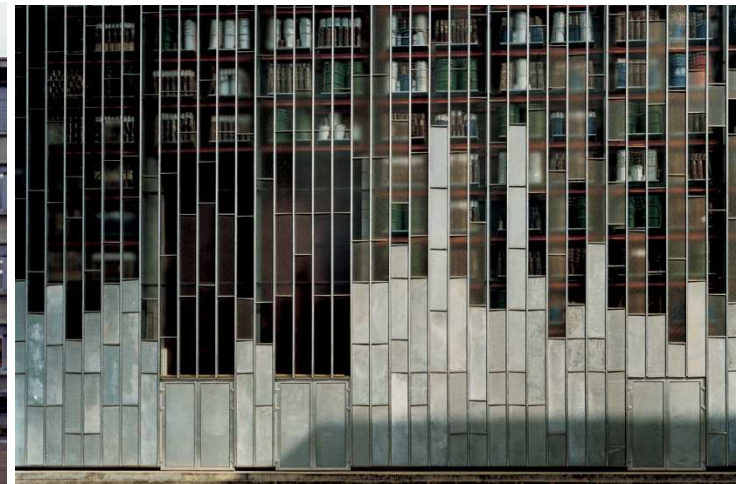


Sans Titre, Le Façades, 125 x 195 cm, 1994/1995.



Valerie Jouve é uma artista francesa que também tem presente em seu trabalho o tema de fotografia de janelas, de fachada de prédios. Tem por objetivo explorar e revelar a identidade de uma cidade e a relação entre esta e quem a habita.

Realizou diversas fotografias de janelas, a partir do seu exterior e algumas poucas a partir do seu interior.



Sans Titre, Le Façades, 110 x 150 cm, 1994/1996. Sans Titre, Le Façades, 80 x 110 cm, 2002/2004.



Sans Titre, Le Façades, 154 x 87 cm, 1994/1995. Sans Titre, Le Façades, 100 x 110 cm, 2001/2003.



## 11. CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento deste trabalho, meu objetivo era fotografar janelas que são obstruídas por elementos físicos que bloqueiam a paisagem e, com isso, discutir algumas questões de definições e significados.

Iniciei esse projeto sem grandes aspirações e fui descobrindo um mar de possibilidades em fotografar essas janelas. O entendimento que eu tinha do assunto era ínfimo e os caminhos eram infinitos.

Mais que um resultado visual, um trabalho como este tem como proposta sua própria experiência e vivência. Meu trabalho foi mudando ao longo do processo e as idéias que eu tinha foram se renovando e se somando.

Mesmo agora, nesta etapa final, acredito que ainda existam muitos caminhos a serem seguidos, os quais me levarão a descobrir ainda outras visões sobre o assunto.

Cada pessoa é um ser único e cada qual tem uma visão sobre o mundo ao seu redor e um olhar, que vive mudando, a cada dia.

Espero ainda poder continuar percorrendo esses caminhos e explorando as possibilidades que se apresentarem.



## 12. REFERÊNCIAS

- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins: 2007.
- CEZAR, Claudia Zimmer de Cerqueira. **Meia Paisagem e Meia: Algumas considerações sobre o Semi-Visível**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- GUIMARÃES, Celso. **Olhar Sensível, Instantes Infinitos**. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2008.
- LAMPERT, Letícia. **Escala de cor do tempo**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.
- MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira. **Fotografia e Memória: Ensaios**. Pelotas, RS: Editora e gráfica Universitária da UFPEL, 2008.
- NAZARINO, Luiz; FRANCA, Patricia. **Concepções Contemporâneas da Arte**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2006.
- NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo. SP: Companhia das Letras, 1988.
- POESTER, Teresa. **Da paisagem à abstração**. Porto Alegre, RS. In: Caesura: revista crítica de ciências sociais e humanas N. 22/23 (jan./dez. 2003), p. 81-88.
- SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. São Paulo, SP: Editora Hucitec; Editora Senac São Paulo, 2005.
- SILVA, Maria Clara La Porta da. **Lugares de Passagem**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

- **Smoke/Cortina de Fumaça**, EUA, 1995.

- **Contacts/Contatos**, França. 1997.

## **WEBSITES**

- [www.annamalagrida.com](http://www.annamalagrida.com)

- [www.sugimotohiroshi.com](http://www.sugimotohiroshi.com)

- [www.valeriejouve.com](http://www.valeriejouve.com)

- [www.teresapoester.com.br](http://www.teresapoester.com.br)

- [br.olhares.com](http://br.olhares.com)